

Campinas, capital da Alca

MARIO GARNERO

forum@forumamericas.org.br

Na semana passada, ministros responsáveis pela área de comércio exterior de 34 países do continente americano reuniram-se em Miami para uma rodada decisiva de negociações. Chegou a hora de acertar os ponteiros para a criação da Alca, Área de Livre Comércio das Américas, iniciativa que congregará cerca de 800 milhões de pessoas e um produto somado de US\$ 13 trilhões – o que virá a compor o maior mercado do mundo. Como horizonte negociador, temos todo o ano de 2004 para que o texto final de um acordo se alinhe. O caminho até lá não é fácil. São muitas as áreas de atrito entre as delegações.

Para o Brasil, compras governamentais, investimentos e serviços são temas sensíveis, cuja negociação o Brasil gostaria que fosse reme-

tida à Organização Mundial do Comércio (OMC). Em paralelo, a maior economia do hemisfério – os EUA – tem mostrado pouca flexibilidade em negociar temas do interesse brasileiro, como o fim dos subsídios que o governo dos EUA oferece a agricultores daquele país ou as sobretaxas e barreiras não-alfandegárias que inibem exportações brasileiras de siderúrgicos, têxteis e suco de laranja, onde o Brasil apresenta grandes vantagens comparativas. Embora esteja certo de que as tratativas diplomáticas até o final do próximo ano serão onerosas, dadas as últimas demonstrações de pragmatismo dos negociadores de Brasil e EUA, confio que chegaremos a uma área de livre comércio equilibrada e harmoniosa, para o benefício de todos.

No entanto, para além das negociações estritamente comerciais, que vão da propriedade intelectual a telecomunicações, de comércio eletrônico à agricultura, os próximos lances no jogo da Alca também apresentam um outro desafio: que cidade do Continente virá a desempenhar o papel de “capital” da Alca? Ou seja, que municí-

pio do Hemisfério virá a constituir o epicentro do maior mercado de livre comércio do mundo?

É quase desnecessário relacionar os grandes benefícios que repercutem a cidades que se convertem em sede de importantes organismos internacionais. Apesar de toda sua exuberância, Nova York não seria a cidade vibrante e multidimensional que é não fosse ter abrigado a principal sede da Organização das Nações Unidas (ONU) desde o final dos anos 40. O mesmo se pode dizer, respeitadas as proporções, em relação a Bruxelas como sede da Comissão Europeia (CE) ou mesmo Genebra em virtude do amplo número de organizações multilaterais que hospeda.

Os benefícios de sediar uma organização internacional de porte são muitos. Além da própria atividade econômica e política oriunda diretamente de uma Secretaria-Geral para a Alca, o município e região também ganham com os efeitos

multiplicadores da montagem de escritórios de advocacia, as mais variadas empresas prestadoras de serviço como hotéis, restaurantes, comércio de alto padrão, imóveis além do reforço do setor de infraestrutura de transportes necessário para dar os ágeis instrumentos que uma organização moderna necessita.

Estimativas apresentadas recentemente pelo New York Times orçam em cerca de US\$ 500 milhões (R\$1,5 bilhão) ao ano o montante gerado diretamente pela instalação de uma estrutura como a que virá a ser a Secretaria-Geral da Alca. Além disso, vislumbra-se a criação de 15 mil empregos diretos a emergirem para representantes comerciais, negociadores governamentais e privados, em acréscimo aos mencionados novos empregos na infra-estrutura e operação de serviços.

É nesse contexto que podemos dizer que Campinas reúne todos os predicados para vir a se tornar

sede da Alca. Além de uma localização geográfica que permite deslocamento rápido a todos os recantos do Estado de São Paulo, com a revitalização do Aeroporto de Viracopos, Campinas está pronta para conectar-se via aérea ao mundo. Ademais, a própria ONU reconhece em Campinas, mediante o Relatório de Desenvolvimento Humano do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), que a cidade é um dos mais importantes pólos tecnológicos (Tech hubs) do mundo. Isto acrescenta às credenciais de Campinas importante diferencial.

Contudo, justamente em razão da plêiade de vantagens que sediar a Alca oferece, tornar Campinas – ou qualquer outro município brasileiro – capital da área de livre comércio não será tarefa fácil.

No plano externo, Miami e Atlanta já deram largada às suas candidaturas. Figuras políticas experientes como o próprio governador da Flórida, Jeb Bush, e o ex-presidente norte-americano Jimmy Carter lançaram-se com todo vigor em defesa respectivamente de Miami e Atlanta. Também a Cidade do Panamá, por sua localização geográfica, é forte candidata.

No plano interno, para que o Brasil possa entrar nessa disputa com chances reais, é necessário que os campineiros – e os paulistas, todos os brasileiros, enfim – se mobilizem em torno do ideal. Daí, com

Para que o Brasil possa entrar nessa disputa com chances reais, é necessário que os campineiros – e os paulistas, todos os brasileiros, enfim – se mobilizem

a ajuda do poder Executivo e Legislativo de Campinas e do Estado de São Paulo, bem como dos representantes do Estado no Congresso Nacional, é aproximar o pleito da Delegação Brasileira à Alca e defendê-la com afinco na mesa de negociações.

No limite, fazer de Campinas capital da Alca será mais do que razão de orgulho ou um indutor de desenvolvimento econômico para o município e região. A sede representaria novo e dinâmico eixo de inserção competitiva internacional para todo o Brasil.

Mario Garnero é presidente do Grupo Brasilinvest, do Fórum das Américas e da Associação das Nações Unidas-Brasil